



Esportes de raquete: uma possibilidade de intervenção para as aulas de Educação Física na Educação Infantil

Racket sports: a possibility of intervention for Physical Education classes in Child Education
Deportes de raqueta: una posibilidad de intervención para las clases de Educación Física en la Educación Infantil

Gabriel Garcia Borges Cardoso 

Universidade Estadual de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. 

gabrielgarcia.cardoso@gmail.com

Giselle Rodrigues Sobral 

Universidade Estadual de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. 

sobral.giselle@gmail.com

Lucas Batista Ricardo de Souza Santos 

Universidade Estadual de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. 

lucasbricardo11@gmail.com

Renata Linhares 

Universidade Estadual de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. 

renataefueg@gmail.com

10.46878/praxia.v2i0.11051 

Resumo: Este artigo relata o trato com o esporte nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, a partir da abordagem metodológica crítico-superadora, utilizando os esportes de raquete (tênis e tênis de mesa) como eixo central das aulas. As intervenções foram planejadas para duas turmas do agrupamento de cinco anos de uma escola pública do município de Goiânia. Ao final das intervenções realizadas, foram percebidas a viabilidade, a importância e a necessidade do ensino dos conteúdos da cultura corporal na Educação Infantil, entre eles as variadas modalidades esportivas.

Abstract: In this work, we will present the report about the treatment with sport in Physical Education classes in Child Education, from the Critical-Surpassing methodological approach, using Racket Sports (Tennis and Table Tennis) as the central axis of the classes. The interventions were planned for two classes in the grouping of five years old, from a public school in the city of Goiânia. At the end of the interventions carried out, we realized the feasibility, the importance and the need to teach the contents of body culture in Child Education, among them, the various sports.

Resumen: En este trabajo, vamos a presentar un relato acerca del deporte en las clases de Educación Física en la Educación Infantil, desde el enfoque metodológico Crítico-Soperador, utilizando los Deportes de Raqueta (Tenis y Tenis de Mesa) como el eje central de las clases. Las intervenciones fueron planeadas para dos clases de alumnos de cinco años, de una escuela pública en la ciudad de Goiânia. Al final de las intervenciones realizadas, hemos percibido la viabilidad, la importancia y la necesidad de la enseñanza de los contenidos de la cultura corporal en la Educación Infantil, entre ellos, las diversas modalidades deportivas.

Palavras-chave:
Educação Infantil.
Educação Física.
Esportes de raquete.

Keywords:
Child Education.
Physical Education.
Racket sports.

Palabras clave:
Educación Infantil.
Educación Física.
Deportes de raqueta.



Introdução

Este trabalho apresenta uma sistematização do trabalho pedagógico de Educação Física a partir da possibilidade de intervenção de esportes com raquete desenvolvida para a Educação Infantil com turmas de crianças de cinco anos de idade.

A síntese expressa neste texto é fruto de planejamento e experiência da disciplina de Estágio Supervisionado obrigatório do curso de licenciatura em Educação Física de uma instituição pública do estado de Goiás, realizada em uma escola da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME), no primeiro semestre de 2020. O planejamento da intervenção pedagógica foi realizado após análise do documento *Infâncias e crianças em cena: por uma política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia*, e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. Identificou-se, nesse último, que a maioria das famílias dos alunos possui renda familiar de até dois salários mínimos e convive em espaços de lazer como igrejas, praças e ambientes familiares. Essa realidade pôde ser percebida no cotidiano escolar.

Assim, a partir de fundamentos teóricos, explicitam-se a concepção de Educação Infantil e o papel da escola adotados neste trabalho, incluindo as problemáticas que envolvem a realidade da classe trabalhadora. Sabe-se que existem diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física na Educação Infantil, porém, este trabalho orienta-se pela abordagem crítico-superadora como perspectiva teórico-metodológica do planejamento e intervenções realizadas. Tem-se, pois, a cultura corporal como eixo temático, isto é, diferentes formas de representação do mundo produzidas pela humanidade ao longo da história (jogos, danças, lutas, esporte etc.). O desafio foi sistematizar e transformar os esportes de raquete como saber escolar acessível à Educação Infantil. Para tanto, entende-se que a brincadeira pode ser o meio para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento, indo além do espontaneísmo da criança. A partir da proposta histórico-cultural, um dos objetivos do professor é proporcionar o desenvolvimento potencial do aluno e aprendizagem dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

Este artigo parte, pois, da concepção de Educação Infantil que se aproxima da Pedagogia Histórico Crítica, da abordagem crítico-superadora, para organizar o conhecimento da Educação Física. Desse modo, apresenta e contextualiza uma experiência de ensino com esporte de raquete na Educação Infantil.

Concepção de Educação Infantil e abordagem metodológica

Para Saviani (2013), a escola existe na intenção de propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o acesso às origens desse saber. Assim como Rodrigues *et al.* (2019), entende-se a

necessidade de defender a educação pública, rica em conhecimentos sistematizados, que ofereça às crianças da classe trabalhadora experiências adequadas para que se apropriem do gênero humano e tenham oportunidade de ampliar ao máximo suas múltiplas dimensões. Para além, entende-se a educação pública como local de ensino democrático, em que as crianças, os jovens e/ou adultos tenham acesso a conhecimentos que, na sociedade, estariam destinados a pessoas com melhores condições financeiras, oportunizando, assim, a formação de um sujeito crítico e consciente da realidade social.

Reconhece-se a existência de contradições sobre o papel da escola e da Educação Infantil presentes nas disputas de projetos. A Pedagogia da Infância, expressa no documento *Infâncias e crianças em cena: por uma política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia*, é a proposta teórico-metodológica da RME de Goiânia, portanto, da escola-campo de estágio (GOIÂNIA, 2014). Com o intuito de romper com a pedagogia tradicional, essa proposta estabelece que a Educação Infantil tem como função possibilitar o desenvolvimento do educando por meio de práticas pedagógicas que privilegiem a convivência, a construção de identidades individuais e coletivas, a ampliação dos saberes e conhecimento de diferentes naturezas. Para que isso ocorra, a escola proporcionará um espaço lúdico facilitador da autoexpressão, em que se promovam atividades criativas, pesquisas, discussões em grupo, tendo como objetivo a dinamização da aprendizagem (GOIÂNIA/SME/PPP EM B. de S. M., 2019).

O documento da RME compreende a Educação Infantil como espaço para ampliar, diversificar e complexificar os conhecimentos das crianças, sempre complementando a educação oferecida pela família, para que, a partir de vivências e experiências, possam aprender novos e diferentes conhecimentos (GOIÂNIA, 2014). Para que isso ocorra, Rocha (2001) afirma que é necessário levar em consideração os processos de constituição das crianças como seres humanos, em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, expressivas, estéticas e emocionais.

Ao mesmo tempo em que a Pedagogia da Infância ganhou adeptos e simpatizantes, surgiram algumas críticas relacionadas aos conteúdos e às formas pedagógicas. Entre essas críticas, Stemmer (2012) coloca, como principal, que a defesa da Educação Infantil como um local que não tivesse como principal objetivo o ensino de conhecimentos básicos, tornando essa etapa um local preparatório para as fases seguintes, contribui para uma concepção antiescolar. A proposta de somente a partir do ensino fundamental as crianças iniciariam o processo formativo dos conhecimentos sistematizados, revela um medo do ensino. Então, contra a

escolarização precoce, essa pedagogia para a Educação Infantil defende um esvaziamento do ensino, focando na educação pautada pelo sentimento, subjetivismo e irracionalismo.

Arce (2013) aponta três críticas relacionadas à Pedagogia da Infância. A primeira refere-se à importância da transmissão de conhecimentos e experiências. Porém, é preciso deixar claro que não se está aqui defendendo o ensino tradicional. A segunda está relacionada ao valor que é dado ao professor nesse processo de aprendizagem. Para a autora, o que ocorre, na Pedagogia da Infância, é uma descaracterização do professor, pois, ao invés de ensinar, passa apenas a participar da aula, fazendo com que o adulto passe a ser um escravo da infância. A terceira crítica é referente à ideia de interação. Para a autora, a interação proposta nessa pedagogia reduz-se a uma interação entre pares. Arce (2004) complementa dizendo que a escola deve instigar a interação da criança com a cultura, que, ao longo do tempo, vem sendo construída pela humanidade.

A brincadeira, a partir das bases da Pedagogia da Infância, é colocada como eixo da prática pedagógica na Educação Infantil, servindo de proteção contra a falta de prazer atrelada à escolarização e à retomada da espontaneidade (ROCHA *apud* ARCE, 2004). Porém, quando entendida a partir das bases da Psicologia Histórico-Cultural, Arce (2013) apresenta que a brincadeira não acontece de forma natural e espontânea, sendo, então, fruto de construções cotidianas. É necessário entender a interdependência entre o papel das interações e as brincadeiras. Assim, o papel do professor, ao invés de ser apenas o de observar as crianças brincarem, passa a ser o de atuante, de forma direta e intencional, no processo de desenvolvimento integral da criança. Merece um maior aprofundamento teórico sobre a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural na sistematização do papel da brincadeira como atividade dominante propulsora no desenvolvimento da criança.

Coaduna-se com as críticas à Pedagogia da Infância apresentadas por Stemmer (2012) e Arce (2013) e com a Educação Infantil ser um espaço para o ensino e para a apropriação da cultura humana pelas crianças. Cabe à escola o papel de realizar a mediação, por meio do professor, de forma intencional e com a finalidade de proporcionar o máximo de desenvolvimento do indivíduo, possibilitando a formação dos conceitos científicos.

Dessa forma, aproxima-se da Pedagogia Histórico-Crítica ao entender que a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2013). Percebe-se, pois, o papel fundamental do professor no processo de ensino e aprendizagem, estando com a função de, além de ensinar conhecimento

produzido historicamente pela humanidade, superar as desigualdades existentes, a partir da democratização do conhecimento, dando a oportunidade para que todos tenham acesso ao conhecimento científico.

Isto posto, entende-se a criança como sujeito de relações sociais, ou seja, deve ser compreendida, além de sujeito individual, como sujeito social, que traz em si potencialidades que estão na iminência de serem desenvolvidas com a contribuição do professor na aprendizagem de cada criança (RODRIGUES *et al.*, 2019). Desse modo, acredita-se que a Educação Física também pode contribuir, por meio dos conhecimentos sistematizados pela humanidade na cultura corporal, para o desenvolvimento das potencialidades humanas.

A abordagem crítico-superadora apresenta que a Educação Física trata, de forma pedagógica na escola, o conhecimento de uma área denominada de cultura corporal. A Educação Física escolar, segundo o Coletivo de Autores (2012), busca:

[...] desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 39).

É necessário entender que o ser humano não nasceu sabendo pular, arremessar, saltar ou jogar, mas que, a partir de necessidades e desafios, essas atividades corporais foram construídas. Assim, a Educação Física escolar, quando pensada com o objetivo de reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, a partir do desenvolvimento de reflexões pedagógicas sobre valores, como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação negando a dominação e submissão do homem pelo homem (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 41).

A abordagem crítico-superadora entende que:

[...] as crianças e os jovens chegam à escola determinados pela sua condição de classe, “marcados” por ela em seus corpos e em suas possibilidades corporais. Desconhecendo-se essas condições, as crianças passam a ser “homogeneizadas”, “igualadas” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 98).

Assim, torna-se necessário entender os alunos como pessoas concretas, com níveis de aspiração, interesses e motivações diferenciados, em que cada sujeito atribua um sentido pessoal ao jogo, à ginástica e à dança etc.

Para o Coletivo de Autores (2012), a sociedade é dividida em classes sociais, que lutam entre si para a afirmação de seus interesses incompatíveis. Enquanto os interesses da classe trabalhadora são pautados pela busca de sobrevivência e de condições decentes de existência, os interesses da classe proprietária baseiam-se em acumular bens, aumentar seu consumo para garantir o poder e manter sua posição privilegiada. É, pois, uma sociedade fundamentada na luta de classes. Então, pautada pelo discurso da justiça social, a abordagem crítico-superadora critica os métodos tradicionais de ensino, pois esses perpetuam as mazelas da sociedade. Compreende a educação do indivíduo construída na prática social, que se empenha em contribuir para que esse tenha uma visão crítica da realidade em que está inserido e busque transformá-la. Portanto, uma reflexão pedagógica “[...] comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 30). Essa abordagem sai em defesa das camadas populares, visando à transformação da sociedade, de modo a garantir que os trabalhadores possam desfrutar de seu trabalho.

Na abordagem crítico-superadora, a escolha dos conteúdos deve ser baseada na realidade social e cultural dos alunos, ficando ao professor a “função” de formar seres críticos, transformadores, para que sejam capazes de questionar os interesses de classes. Para o Coletivo de Autores (2012), o conteúdo precisa ser pautado por algumas características para o ensino: a relevância social, a contemporaneidade, a adequação às possibilidades cognitivas do aluno, a simultaneidade com a realidade. Deve ser tratado de forma espiralada e, por último, apresentar os processos de mudanças existentes. Além do caráter técnico, é necessário levar em consideração a significação, a implicação e as consequências pedagógicas, políticas e sociais de cada conteúdo trabalhado, compreendendo o erro como uma forma de aprendizagem.

Dessa forma, após a análise da realidade dessa escola pública, bem como do PPP da instituição, optou-se por apresentar às crianças esportes de raquete que, na sociedade, dificilmente teriam acesso, por se tratar de modalidades com alto custo financeiro¹. O acesso a esse conhecimento, sistematizado de forma crítica, contribui para as crianças iniciarem o processo de identificação dos dados da realidade, conhecendo um conteúdo como esportes de raquete.

Richter, Gonçalves e Vaz (2011) apresentam que, a partir dessas concepções teórico-metodológicas citadas nos estudos de Sayão (1997), – a Recreação, a

Psicomotricidade e o Desenvolvimento Motor – o esporte não encontraria lugar nas aulas de Educação Física na Educação Infantil.

[...] podemos observar certo distanciamento da Educação Infantil das frequentes discussões da área de Educação Física em torno do esporte, além de escassa referência a ele nos documentos que tratam do ensino para os pequenos, o que gera uma ausência de tematização das modalidades esportivas nos currículos de Educação Infantil (RICHTER; GONÇALVES; VAZ, 2011, p. 184)

Apesar de os debates acerca do esporte como conteúdo escolar serem objeto de críticas, relacionando-o aos seus aspectos competitivos, excludentes, e ao princípio da sobrepujança (BRACHT *apud* RICHTER; GONÇALVES; VAZ, 2011), abordar os esportes de raquete como tema da intervenção na Educação Infantil foi um desafio ao qual se propôs. Considerou-se que na formação inicial de professores de Educação Física nem sempre os cursos apresentam disciplinas sobre esporte de raquete. A experiência adquirida em momentos de lazer com o *ping-pong*, jogo derivado do tênis de mesa, era insuficiente e tornava o desafio ainda maior.

Assim, a intenção de apresentar às crianças os esportes de raquete vai na contramão da realidade dessa sociedade. A partir de contextualizações históricas e de vivências, apresenta-se o relato sobre uma possibilidade de intervenção dos esportes de raquete (tênis, tênis de mesa e badminton) nas aulas de Educação Física na Educação Infantil.

Sequência teórico-metodológica: os esportes de raquete

Com base nos pressupostos e concepções apresentados no decorrer deste texto, apresenta-se o processo de trabalho pedagógico envolvendo planejamento, intervenção e avaliação do processo ensino-aprendizagem dos esportes de raquete para a Educação Infantil.

Para planejamento das aulas, primeiramente, foi construído um projeto de intervenção a partir de pesquisasⁱⁱ sobre o conhecimento sistematizado dos esportes de raquete (histórico de cada modalidade: tênis, tênis de mesa e badminton; características comuns; principais regras de jogo).

Para transformar esse conhecimento em saber escolar, conforme já se explicitou o papel da escola segundo Saviani (2013), foi considerada também a realidade da escola, material disponível aos professores, tempo e espaço pedagógico. Para realização das aulas de Educação Física do agrupamento de cinco anos, foram usadas a quadra poliesportiva e a sala de aula. Durante as aulas, para realização das atividades, foram utilizadas 33 bolas de tênis, 7 raquetes de tênis, 13 raquetes de tênis

de mesa, materiais construídos pelos professores-estagiários para exemplificação e vivência da evolução histórica da raquete, como, por exemplo, o batedor (feito de papelão e elástico), além de uma corda para simular a rede de tênis.

Refletir sobre o espaço físico e materiais pedagógicos disponíveis para as aulas de Educação Física é problematizar as condições de trabalho do professor e como a disciplina vem sendo valorizada no campo escolar. Por necessitar de materiais, espaços e equipamentos específicos para desenvolver sua prática, nem sempre disponíveis na realidade da escola pública e para as crianças da classe trabalhadora, muitas vezes os conhecimentos ficam negligenciados. Assim, é necessário apresentar que, dos materiais usados nas aulas, apenas as raquetes de tênis de mesa eram propriedade da escola. As raquetes e bolas de tênis foram emprestadas.

As intervenções às terças e quintas-feiras em aulas de 60 minutos aconteceram em duas turmas com aproximadamente cinco anos de idade: EIF1V e EIF2V. A turma EIF1V era composta por 26 alunos, sendo 10 meninos e 16 meninas; e a turma EIF2V, por 27 alunos, sendo 11 meninos e 16 meninas. Nessa última turma, havia uma criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista. O profissional de apoio pedagógico responsável em atender as duas turmas não permanecia nas intervenções das aulas de Educação Física.

Com base nos conceitos, concepções de Educação Infantil e Educação Física apresentados até agora, sistematizou-se, como objetivo principal, que as crianças pudessem entender e vivenciar o conceito de rebater nos esportes de raquete, bem como conhecer o processo histórico e os equipamentos específicos de cada modalidade.

Quanto aos objetivos específicos, esses almejavam que, ao final das intervenções, as crianças pudessem ter conhecido e identificado os materiais utilizados nos esportes de raquete; vivenciado, apreendido e ampliado o conceito de rebater e suas diferentes possibilidades; discutido os problemas sociopolíticos que envolvem o tênis (valor dos equipamentos, esporte para elite); apreendido o processo histórico do tênis, tênis de mesa, badminton, além de seus equipamentos específicos e vivências por meio de jogos.

Para melhor trabalho e vivência das modalidades, as aulas foram divididas em grupos temáticos. Inicialmente, uma aula destinada à apresentação dos conteúdos trabalhados nas intervenções (esportes de raquete) e ao conceito de rebater; três aulas para atividades sobre a modalidade esportiva tênis; uma aula destinada ao tênis de mesa; uma aula ao badminton; e, por fim, a última seria o encerramento das intervenções, com um vídeo produzido a partir das fotografias e filmagens realizadas durante as aulas, que seria exibido às crianças numa pequena sessão de cinema.

O planejamento inicial, construído para sete aulas, teve imprevistos e apenas 4, de 7 intervenções foram realizadas. No processo ensino-aprendizagem, percebeu-se, durante as atividades, que as crianças estavam com grandes dificuldades em rebater, necessitando de mais tempo pedagógico para melhorar a aprendizagem desse movimento. Dessa forma, foi decidido que não seria apresentado o badminton, por ser uma modalidade com características diferentes, como: o ato de rebater ter de acontecer antes de o objeto se encostar no chão; o objeto a ser rebatido não ser mais uma bola, mas, sim, uma peteca; a raquete ter menor espaço de contato com o objeto. Tais características tornariam as atividades mais complexas, aumentando o grau de dificuldade.

A partir de então, as aulas foram divididas da seguinte forma:

Quadro 01 – Divisão dos conteúdos das aulas a partir dos objetivos de cada grupo temático.

Aulas	Objetivos	Conteúdos
01	Conhecer e identificar os materiais utilizados nos esportes de raquete e o conceito de rebater.	Equipamentos específicos dos esportes de raquete e conceito de rebater.
02		Introdução à história do tênis e vivência do jogo da palma.
03	Aprender sobre o processo histórico do tênis, seus equipamentos específicos e	Histórico da criação das raquetes e da evolução do tênis – batedor
04	vivência através de jogos.	Histórico da criação das raquetes e da evolução do tênis – raquetes
05		Vivenciar o tênis através de jogos.
06	Aprender sobre o processo histórico do tênis de mesa, seus equipamentos específicos e vivência através de jogos.	Introdução à história do tênis de mesa e vivência a partir de jogos.
07	Encerramento: Minissessão de cinema	Relembrar, através de vídeos e fotografias, as atividades realizadas pelas crianças durante as aulas.

Fonte: Planejamento das aulas construído pelos autores. Elaboração dos autores.

É importante ressaltar que não houve a intenção de focar especificamente nos gestos técnicos e na compreensão tática dos esportes durante as intervenções, mas na vivência de forma adaptada, partindo dos conceitos básicos das modalidades para experimentação dos esportes. Pois, como já citado, na abordagem crítico-superadora, para além do caráter técnico, é necessário considerar a significação, a implicação e as consequências pedagógicas, políticas e sociais de cada conteúdo trabalhado.

Segundo Pasqualini (2013), o desenvolvimento infantil, assim como o desenvolvimento humano em geral, não pode ser explicado a partir de leis naturais. Deve-se considerar a relação criança-sociedade. Assim, para a autora, na Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento infantil é concebido como um fenômeno histórico e dialético, não sendo processado de forma linear, progressiva e evolutiva,



mas de forma espiralada, compreendendo a existência de saltos qualitativos e rupturas que poderão alterar a qualidade da relação das crianças com o mundo.

Não significa que, por terem a mesma faixa etária, apresentem desenvolvimento idêntico. Em uma turma, as crianças eram mais tranquilas e atentas às explicações, enquanto na outra elas se dispersavam facilmente, a ponto de as conversas e brincadeiras paralelas prejudicarem o andamento da aula. A partir de reflexões e análises, fomos encontrando, descobrindo e criando artifícios para auxiliar no decorrer das intervenções. Como principal estratégia para se manter a organização e dar prosseguimento ao trabalho, eram utilizados os acordos feitos entre a professora de Educação Física e os alunos. Entre esses acordos, destacaremos a aprendizagem de escutar o outro e esperar a vez para falar. A professora de Educação Física, ao perceber que as crianças estavam mantendo conversas paralelas, simulava um microfone com algum objeto, e somente aquele que estivesse com o objeto em mãos, teria direito a fala, enquanto o restante da turma prestava atenção.

A partir da teoria histórico-cultural sobre periodização do desenvolvimento humano, apresentada por Marsiglia (2011) e Pasqualini (2013), identificou-se que as crianças do agrupamento F encontravam-se na transição da fase objetual manipulatória para a fase dos jogos simbólicos. Dessa forma, era fundamental a manipulação dos objetos utilizados, possibilitando a experimentação de movimentos. E, a partir disso, a problemática encontrada nas primeiras aulas – a dispersão dos alunos em quadra durante as atividades – foi minimizada com a implementação de um momento livre, de familiarização com os objetos que seriam utilizados na aula, assim como as adaptações feitas em atividades nas quais as crianças apresentavam dificuldades.

Então, faz-se a seguir uma explanação da sequência das aulas.

Na primeira aula, a partir de atividade impressa (Figura 1), com desenhos relacionados aos esportes de raquete, iniciou-se uma discussão e apresentação dos elementos em comum, presentes em todos os desenhos, com a intenção de mostrar os equipamentos usados durante os jogos: raquetes, bolas, rede e peteca. No segundo momento da aula, foi realizada atividade com balões, dentro da sala de aula, usando as próprias mesas como rede. As crianças vivenciaram o ato de rebater o balão para o colega com as próprias mãos (Figura 1).

Figura 01 – Atividade impressa / Crianças realizando o ato de rebater com balões.



Fonte: Elaboração dos autores.

A intenção era explicar e ensinar que, nos esportes de raquete, o ato de rebater é fundamental. Utilizando linguagem apropriada para a faixa etária, explicou-se que o rebater, para além do “bater novamente”ⁱⁱⁱ, é a capacidade de alterar a trajetória do objeto (bola ou peteca) em um menor período de contato entre o jogador e o objeto de jogo. Assim, buscou-se destacar o conceito de rebater, diferenciando de conduzir, empurrar ou segurar o objeto.

A segunda aula objetivou a introdução à história do tênis e a vivência do jogo da palma (*jeu de paume*). A partir de vídeos^{iv} de desenhos infantis que abordavam a prática do tênis, foram apresentados os equipamentos usados na modalidade (raquete, bola, rede e quadra) e o ato de rebater. Após a exibição dos vídeos, foram feitos alguns questionamentos para o grupo de alunos (“Vocês conhecem o tênis?”, “Já jogaram tênis?”, “Onde fica a palma?”, “O que se usa para jogar tênis?”). A intenção foi verificar os conhecimentos prévios das crianças e, ao mesmo tempo, introduzi-las ao assunto que seria discutido na aula, pois “[...] o aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação, o que pode incentivar uma atitude científica” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 63). Apresentou-se, de forma oral, o jogo da palma (*jeu de paume*), jogo do qual foi originado o tênis, e suas principais características.

No intuito de que as crianças pudessem perceber as diferenças existentes entre a bola de tênis e as bolas usadas em outras modalidades esportivas, foram apresentadas diferentes bolas, de diferentes tamanhos. A partir da manipulação, as crianças poderiam perceber as diferenças existentes. Para vivência do jogo da palma, em quadra, os alunos experimentaram o ato de rebater as bolas de tênis com as próprias mãos. Seguindo o contexto histórico, após rebater usando apenas as mãos, os alunos usaram faixas na intenção de proteger as palmas. O rebater, primeiramente,

foi realizado contra a parede e, após familiarização com o movimento, feito entre as crianças.

A terceira aula teve como objetivo apresentar o histórico da criação das raquetes e da evolução do tênis até o modelo atual. Após esse momento, foram feitos os questionamentos: “Como o tênis era jogado antigamente?”, “Usavam raquetes nos jogos?”, “Por que começaram a usar a faixa nas mãos?”, “Será que sempre existiu raquete?”. Com a intenção de relembrar as discussões realizadas nas aulas anteriores, foi apresentado um modelo adaptado de batedor, feito de papelão e elástico pelos professores-estagiários, simulando a primeira etapa de construção da raquete. Com o batedor fixo às mãos, os alunos, em quadra, rebateram bolas de tênis (Figura 2).

Figura 02 – Crianças rebatendo bolas de tênis utilizando o batedor feito de papelão e elástico.



Fonte: Elaboração dos autores.

Essa atividade de vivência foi dividida em dois momentos. No primeiro, cada aluno tinha uma bola de tênis e um batedor, com a intenção de que houvesse a experimentação, de forma livre, dos materiais. No segundo momento, formaram-se duplas, uma criança de cada lado da quadra, separadas por uma corda, simulando a rede de jogo e, com o batedor, rebateram a bola, uma para a outra.

A quarta aula, dando continuidade ao trabalho, manteve o objetivo do processo histórico da criação das raquetes e da evolução do tênis. Contou-se como surgiu a necessidade da criação de um novo modelo de raquete para a prática do jogo até a forma atual, utilizando imagens para ilustração. Para além disso, utilizando linguagem apropriada, foram abordadas as características do esporte na atualidade, como, por exemplo, os espaços de jogo. A historicidade do conteúdo, vivenciada em formato de brincadeiras, contribui para dar sentido/significado à atividade, relacionando-se, diretamente, à intencionalidade/objetivos do homem e às intenções/objetivos da sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Durante a apresentação histórica, ressaltou-se que o esporte, originalmente, foi criado para os

reis jogarem, e que essa característica, ainda hoje, é verificada ao se analisar os valores dos materiais necessários para prática esportiva.

Com os alunos em roda, o professor-estagiário distribuiu raquetes de tênis e raquetes de tênis de mesa para que eles pudessem manipular e perceber as diferenças de peso, tamanho e material (Figura 3).

Figura 03 – Crianças manipulando raquetes de tênis e de tênis de mesa.



Fonte: Elaboração dos autores.

Na quadra poliesportiva, os alunos foram divididos em dois grupos. Um grupo ficou responsável por jogar a bola com a mão para o outro colega, enquanto o outro grupo teria de rebater a bola com a raquete de tênis de mesa. O ato de rebater, nesse momento, foi livre, no intuito de se familiarizar com os equipamentos. Ao perceber que os alunos estavam com dificuldades de realizar o rebater, houve adaptação da atividade para facilitar a vivência. Essa passou a ser realizada com os alunos, responsáveis por rebater a bola com a raquete de tênis de mesa, sentados no primeiro degrau da arquibancada da quadra (Figura 4). A utilização da raquete de tênis de mesa foi para que as crianças tivessem a familiarização com o equipamento, uma vez que a raquete de tênis é maior e mais pesada.

Figura 04 – Crianças rebatendo as bolas de tênis com raquetes de tênis de mesa.



Fonte: Elaboração dos autores.

O processo das intervenções foi interrompido e as aulas cinco, seis e sete não foram ministradas devido à conjuntura de suspensão de atividades presenciais nas

instituições escolares tênis de mesa e badminton) nas aulas de Educação Física na Educação Infantil.

Avaliação

A proposta de avaliação do processo ensino-aprendizagem da Educação Física deve levar em consideração a observação, a análise e a conceituação dos elementos componentes da totalidade do indivíduo, uma vez que, para o Coletivo de Autores (2012), é necessário levar em conta as condutas sociais dos alunos, nas suas variadas manifestações, tendo a expressão corporal como linguagem.

Esta proposta defende a superação das práticas avaliativas mecânico-burocráticas e busca práticas produtivo-criativas, que possibilitem “[...] mobilizar plenamente a consciência dos alunos, seus saberes e suas capacidades cognitivas, habilidades e atitudes para enfrentar problemas e necessidades” (WAISELFISZ *apud* COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.102).

Com base nos conceitos da Psicologia Histórico-Cultural e nas discussões e ideias apresentadas por Rodrigues *et al.* (2019) e Pasqualini (2013), entende-se que a intenção é ensinar novos conceitos a partir das aprendizagens já consolidadas pela criança. Para tanto, é necessário levar em consideração a relação criança-sociedade, em que o desenvolvimento infantil é concebido como um fenômeno histórico e dialético, não sendo processado de forma linear, progressiva e evolutiva, mas de forma espiralada, compreendendo a existência de saltos qualitativos e rupturas, os quais poderão alterar a qualidade da relação da criança com o mundo.

A condução metodológica e, conseqüentemente, a postura avaliativa proposta pelo Coletivo de Autores (2012) e por Palafox e Terra (1998) estão pautadas por uma perspectiva crítica de educação, que prioriza, pelo processo educativo, a liberdade e a autonomia do indivíduo.

Nesse sentido, a cada início de aula, quando se entregava os materiais para as crianças, eram explicadas a importância e a necessidade de se cuidar dos objetos, dividindo a responsabilidade com elas. Este valor também era trabalhado na ajuda das crianças na organização do tempo da aula realizando as atividades propostas, a fim de haver tempo para as vivências.

Durante as várias atividades de rebater, foram analisadas as dificuldades dos alunos e, caso necessário, seriam feitas intervenções no intuito de demonstrar e auxiliar nas atividades propostas. Como apresentado pelo Coletivo de Autores (2012), é preciso que, durante as aulas, seja dada atenção ao tempo pedagogicamente necessário para que a aprendizagem se efetive. Assim, no intuito de se adequar ao ritmo de aprendizado da turma, as atividades foram encerradas quando a turma, de forma geral,

estivesse realizando os movimentos com maior autonomia e familiarização. Com poucas aulas, não podemos afirmar sobre aprendizagem significativa em cada criança, mas identificar a potencialidade das atividades no processo de ensino-aprendizagem da Educação Física na Educação Infantil.

Considerações finais

Assim como Richter, Gonçalves e Vaz (2011, p. 185), entende-se a Educação Infantil como:

[...] espaço e tempo de promoção de experiências pedagógicas intencionais que podem favorecer formas de relação e aproximação das crianças com as produções culturais da humanidade – nesse caso, o esporte –, para além das suas conformações competitivas e a respeito das quais as crianças não se encontram alheias.

Acredita-se que na escola é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”, e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Por esse motivo, as intervenções não apresentaram atividades que tivessem como objetivos a pontuação, o ser melhor que o outro, possíveis motivadores para um ambiente competitivo.

No decorrer das aulas, a partir das conversas com as crianças e da evolução durante as atividades corporais, percebeu-se que os conhecimentos transmitidos estavam sendo internalizados pelas crianças, e as mesmas demonstravam motivação para conhecer os esportes de raquete. Assim, percebeu-se a viabilidade do ensino dos esportes de raquete na Educação Infantil, além da importância e necessidade de se apresentar os conhecimentos sistematizados pela cultura corporal, que muitas vezes só estão acessíveis a crianças da classe trabalhadora apenas na escola.

Sabe-se dos limites encontrados durante as pesquisas realizadas para a construção deste trabalho, em que se deparou com poucas produções que relacionavam os esportes de raquete com as práticas nas escolas. Dessa forma, este trabalho propôs-se a ser mais um na contribuição de evidenciar a possibilidade de inserir esportes menos comuns à grande maioria da população, como esportes de raquete, assumindo o real papel da Educação Física escolar em propiciar o máximo de experiências diversas que compõem a cultura corporal.

Podem ser citadas algumas problemáticas existentes no planejamento e nas intervenções relacionadas aos esportes de raquete. A primeira relaciona-se à formação de professores, na qual faltam conteúdos de temas que fogem das práticas esportivas

populares, sendo necessárias formações complementares. Outra problemática é a falta de materiais específicos para a realização das aulas nas instituições públicas. Reconhece-se o privilégio de conseguir materiais emprestados, podendo proporcionar vivência com as crianças em quantidade adequada. A produção de materiais alternativos que possibilitassem as práticas também foi utilizada. No entanto, destaca-se a quantidade de aulas, impossibilitando, por exemplo, que alguns materiais (batedor) fossem construídos junto com os alunos, e a realização de todas as aulas planejadas como principal problemática.

Coloca-se um desafio, pois, para ensinar, teve-se de aprender. Para aprender, foi preciso pesquisar, mergulhar no processo histórico de cada modalidade.

O estágio supervisionado obrigatório na formação inicial de professores de Educação Física, para além de uma vivência da docência, é um espaço privilegiado da práxis pedagógica, permitindo, por meio de uma fundamentação teórica sólida pelos estudos e pesquisas realizadas, a construção de um planejamento e intervenção que contribui para a formação de professores e a realidade das crianças da escola pública. Todas as discussões e problematizações possibilitaram o olhar crítico, em que, ao inserir no mundo do trabalho da escola, não se precisou apenas aderir aos projetos hegemônicos existentes, mas nos colocar como sujeitos que podem disputar projetos do papel da escola e da Educação Física.

Conclui-se que esse momento da nossa formação de professores buscou conhecer e defender um papel do professor de Educação Física na Educação Infantil. Assim, a Educação Física na escola – seja na Educação Infantil, no ensino fundamental, seja no médio ou no adulto –, busca tratar, de forma pedagógica, dos diversos conhecimentos da cultura corporal (os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros), possibilitando o acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade. O papel da educação, seja em qualquer nível escolar, é o de formar pessoas críticas, capazes de contribuir para a transformação do mundo.

Referências

ARCE, Alessandra. Interações ou brincadeiras? Afinal o que é mais importante na educação infantil? E o ensino onde fica? *In*: ARCE, A. (Org.). **Interações e brincadeiras na educação infantil**. Campinas: Alínea, 2013. p. 17-39.

ARCE, Alessandra. Pedagogia da Infância ou fetichismo da infância? *In*: DUARTE, Newton (org). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 145-168.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa dicionário. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; Equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GILLMESTER, Heiner. Historia del tenis. **ITF Coaching and Sport Science Review**. v. 15, n. 46, p. 19-21, 2008. Disponível em: <https://capacitacion.fedecoltenis.com/userfiles/Tema%201.Gillmeister.%20Historia%20del%20tenis.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

GOIÂNIA. **Infância e criança em cena**: por uma política da educação infantil para a Rede Municipal de Educação. Goiânia: SME, 2014.

GOIÂNIA. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal B. de S. M.** Goiânia: SME, 2019.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. Considerações sobre desenvolvimento infantil. *In*: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática pedagógica histórico-crítica**: na educação infantil e ensino fundamental. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 35-59.

OLIVEIRA, Aparecido Bassoli de. (Org.). **Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo**. Maringá: Eduem, 2011.

PALAFIX Gabriel H. Muñoz; TERRA, Dinah Vasconcellos. Introdução à avaliação na educação física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, p. 23-37, 1998.

PASQUALINI, Juliana Campregher. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da Escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. *In*: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 71-97.

REBATER. *In*: PRIBERAM DICIONÁRIO, Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/rebater>. Acesso em: 1 mar. 2020.

RICHTER, Ana Cristina; GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 41, p. 181-195, jul./set. 2011.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. A pedagogia e a educação infantil. **Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro**, n. 16, p. 27-34, abril de 2001.

RODRIGUES, Aneleyce Teodoro; CAUPER, Dayse Alisson Camara; LEITE, Jaciara Oliveira; MARTINS, Poliana Carvalho. Educação Física na Educação Infantil: reflexões à luz da pedagogia histórico-crítica. *In*: RODRIGUES, Aneleyce Teodoro; CAUPER, Dayse Alisson Camara; ANDRADE, Leonardo Carlos de; MARTINS, Poliana Carvalho (Orgs.). **O Ensino da Educação Física na Educação Infantil**: reflexões teóricas e relatos de experiência com a Cultura Corporal na primeira etapa da Educação Básica. Curitiba: CRV, 2019. p. 15-23.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAYÃO, Deborah Thomé. Educação Física na pré-escola: principais influências teóricas. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 10., 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997b. p. 594-601.

STEMMER, Márcia Regina Goulart. Educação Infantil: gênese e perspectivas. *In: ARCE, Alessandra; JACOMELI, Mara Regina Martins. (orgs.). Educação Infantil versus educação escolar?: entre a (des)escolarização e a precarização do trabalho pedagógico nas salas de aula*. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 5-32.

Recebido em: 07/10/2020

Aprovado em: 10/11/2020

Publicado em: 11/12/2020

ⁱ Por meio de pesquisa, constatou-se, no município de Goiânia, a existência de apenas duas quadras públicas para prática do tênis. As demais quadras são localizadas, em sua grande maioria, nos setores nobres da capital, sendo necessário, para acesso, pagamento de aluguel. Os materiais básicos necessários para prática da modalidade (raquete e bolas) custam a partir de R\$100,00 cada raquete, e R\$30,00 o conjunto de três bolas. Quando analisados os preços desses materiais a nível profissional, os valores podem chegar, em média, a R\$ 2000,00 cada raquete, e R\$100,00 o conjunto de três bolas.

ⁱⁱ As pesquisas foram realizadas nos *sites* oficiais das confederações de cada modalidade (Confederação Brasileira de Tênis – CBT, Confederação Brasileira de Tênis de Mesa – CBTM, Confederação Brasileira de Badminton – CBBd), buscando produções que tratassem diretamente da evolução histórica do tênis (GILLMESTER, 2008), além de livros específicos da Educação Física que apresentassem sugestões para prática escolar (OLIVEIRA, 2011).

ⁱⁱⁱ Como apresentado no *Minidicionário Aurélio* da língua portuguesa (2008) e do *Dicionário Priberam* (2020).

^{iv} Let's Go Pocoyo! – Pocoyo jogando tênis com Nina. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4P_EP2boxOw. Acesso em: 27 fev. 2020.; Let's Go Pocoyo! – Vamos jogar tênis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5u7uTCZauc&t=157s>. Acesso em: 27 fev. 2020.

^v A partir do Decreto de n.º 9.634, de 13 de março de 2020, assinado pelo governador do estado de Goiás Ronaldo Caiado, publicado no dia 14 de março de 2020, no Diário Oficial do Estado (DOE), em virtude do novo coronavírus, as aulas presenciais da Rede Municipal de Goiânia, assim como da Rede Estadual de Goiás, foram suspensas.